

Caligramas coloridos: a poesia limítrofe de Sergio Medeiros

Caligramas coloridos: la poesía límite de Sergio Medeiros

Colorful calligrams: Sergio Medeiros' borderline poetry

Sirley da Silva Rojas Oliveira¹

Angela Guida²

Resumo

O poeta Sergio Medeiros é de Bela Vista Mato Grosso do sul, fronteira entre Brasil e Paraguai e traz em suas obras muito sobre a cultura ameríndia, além da defesa de que folhas, pedras, árvores, os elementos constitutivos da natureza possuem alma como os homens, visão essa que também se alinha às teorias de Eduardo Viveiro de Castro. Outro ponto que chama atenção na obra de Medeiros é a poesia visual inovadora que o poeta produz, com mais desenhos e cores do que a poesia visual dos poetas concretistas brasileiros, fazendo com que sua poética assuma também um lugar fronteiriço no sentido da forma: imagem-palavra; palavra-imagem. Sergio Medeiros é um poeta que explora mais sentidos visuais e menos linguagem verbal em seus caligramas rompendo com as fronteiras da poesia experimental tradicional.

Palavras-Chave: Poesia – visual; Perspectivismo Ameríndio; Sergio Medeiros; Fronteira.

Resumen

El poeta Sergio Medeiros es de Bela Vista Mato Grosso do Sul, frontera entre Brasil y Paraguay y aporta en sus obras mucho sobre la cultura amerindia, además de la defensa que hojas, piedras, árboles, los elementos constitutivos de la naturaleza tienen almas como hombres, mirada que también se alinea con las teorías de Eduardo Viveiro de Castro. Otro punto que llama mucho la atención en la obra de Medeiros es la innovadora poesía visual que produce el poeta, con más dibujos y colores que la poesía visual de los poetas concretistas brasileños, haciendo que su poética asuma también un lugar fronterizo en el sentido de la forma: imagen-palabra; palabra - imagen. Pronto Sergio Medeiros es un poeta que explora más significados visuales y menos lenguaje en sus caligramas, rompiendo los límites de la poesía experimental tradicional.

Palabras clave: Poesía - visual; Perspectiva amerindia; Sergio Medeiros; Frontera.

Abstract

The poet Sergio Medeiros is from Bela Vista Mato Grosso do Sul, border between Brazil and Paraguay and brings in his works much about Amerindian culture, in addition to the defense that leaves, stones, trees, the constitutive elements of nature have souls like the men, a view that also aligns with Eduardo Viveiro de Castro's theories. Another point that draws attention in Medeiros' work is the innovative visual poetry that the poet produces, with more drawings and colors than the visual poetry of Brazilian concretist poets, making his poetics also assume a frontier place in the sense of form: image -word; image-word. Sergio Medeiros is a poet who

¹ Docente do IFMS e Doutoranda em Estudos de Linguagens pela UFMS.

² Docente literatura e teoria da UFMS e Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ.

explores more visual meanings and less verbal language in his calligrams, breaking the boundaries of traditional experimental poetry.

Keywords: Poetry - visual; Amerindian perspective; Sergio Medeiros; Border.

1. Introdução

Sergio Medeiros é natural de Bela Vista Mato Grosso do Sul, mas atualmente reside em Santa Catarina, onde atua como docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Medeiros é tradutor, ensaísta e poeta. Em seus poemas traz muito da linguagem e mitologia ameríndia. Além de poemas carregados de descrições que levam o leitor a imaginar cenários, imagens e sons, o poeta cria também caligramas, nos quais utiliza menos escrita e mais imagens, cores e sons. Os personagens que mais aparecem em suas obras são folhas, galhos, rios, animais, enfim elementos constitutivos da natureza.

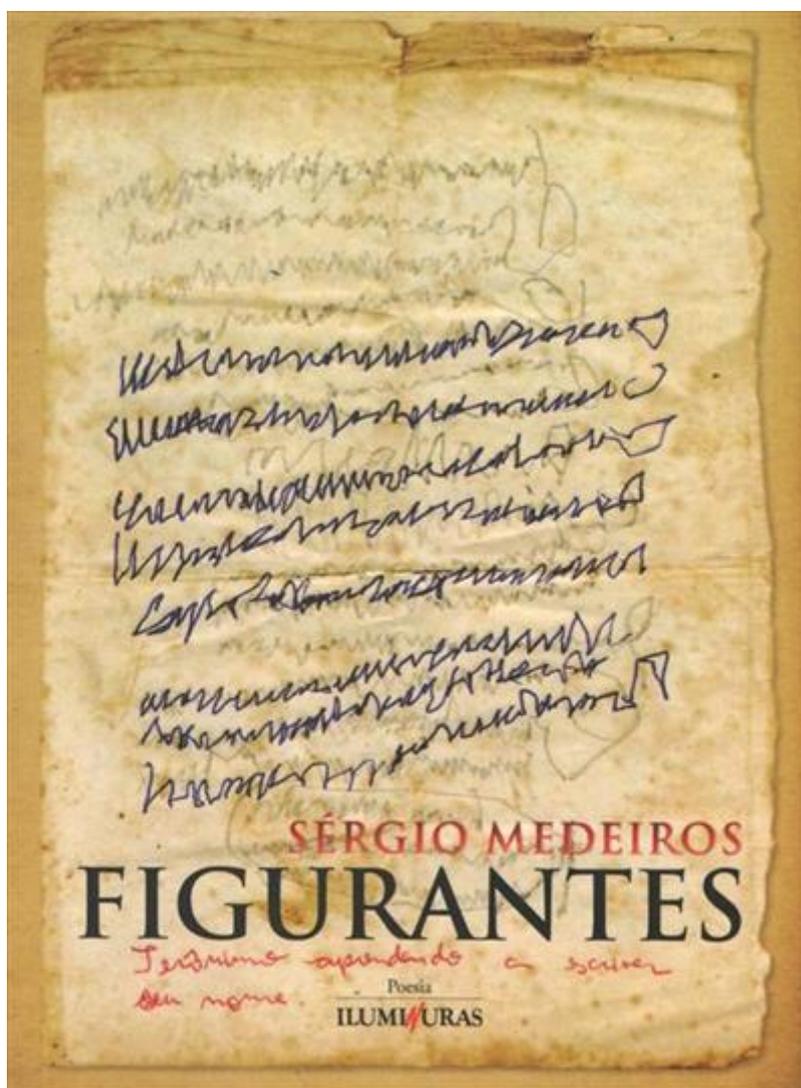
É muito perceptível nos poemas de Medeiros a defesa da presença de espírito, geralmente relacionados apenas ao homem, em todos os seres, sejam folhas, árvores, pedra. Logo, todas as entidades não humanas possuem alma, tudo tem linguagem, tudo desenha, tudo dança, tudo fala. Isso vai de encontro ao perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiro de Castro, que também defende a igualdade entre o homem e os demais seres. Enquanto a antropofagia Oswaldiana defendia a devoração crítica como forma de explicar nossa literatura em relação à universal, o perspectivismo ameríndio de Viveiro de Castro traz à tona a defesa de que todos somos iguais, independente se animais ou humanos “tudo é humano, embora cada espécie não o seja do mesmo modo” (CASTRO *apud* CARVALHO, 2010, p.84). Logo a natureza, os animais, as folhas, as árvores e todos podem se comunicar. Comunicação essa bastante presente nos poemas de Sérgio Medeiros.

A aproximação de Medeiros com a cultura indígena, a qual é nitidamente inspiração para suas produções, começou nos anos 80, quando o poeta ouviu falar pela primeira vez em Jeronimo Tsawé. Medeiros era estudante das Faculdades Unidas Católicas, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, quando ouviu dos padres salesianos, autores da Enciclopédia Bororo, a história do índio xavante de 100 anos que era considerado profeta em sua aldeia. E por causa dos padres Medeiros conheceu as narrativas de Jeronimo Tsawé em dois volumes: Jerônimo Conta e Jerônimo Sonha, publicadas pelos salesianos em 1975. Já na pós-graduação, Sergio Medeiros começou a viajar até a aldeia onde Jeronimo morava em Mato Grosso para estudar sobre as narrativas Xavantes. Foi em meio a suas pesquisas que certa vez

Medeiros recebeu uma folha de Jeronimo Tsawé com grafismos, os quais o indígena dizia ser sua assinatura. Esta folha se tornou a capa de um dos livros de Sergio Medeiros, *Figurantes*, e além disso, a assinatura de Jeônimo Tsawé virou inspiração para vários poemas.

2. Reflexões teóricas

O poeta Sérgio Medeiro traz muito da cultura indígena em sua obra, o que fica evidente tanto em capas e títulos de livros, um exemplo é a capa do livro *Figurantes*:



(MEDEIROS, 2011)

Na capa deste livro que apresenta a assinatura de Jeronimo Tsawé, Medeiros, de forma reflexiva, como sugere Viveiro de Castro, se apropria da assinatura de Jerônimo Tsawé para colocar mais sobre a cultura indígena em sua obra.

Com uma poesia visual que utiliza mais imagens e cores, Medeiros criou uma obra que se distingue das poesias experimentais visuais criadas por Apollinaire, as quais não utilizam apenas sintagmas e vocábulos apresentados em versos, mas desenhos e manchas traçados pelos próprios caracteres utilizados em sua composição. Carlos Reis cita como exemplo de poesia experimental os *Calligrammes* de Apollinaire, que coloca em seu texto a representação gráfica da fonte que chora e da pomba em atitude contemplativa.



Fonte: (FRIEDRICH, 1978)

Apollinaire buscou uma nova linguagem em seus *Calligrammes*, segundo Hugo Friedrich em sua *Estruturas da Lírica Moderna*, uma linguagem brutalizada, dissonante e, em seguida, por outro lado, uma linguagem divina: “ ‘Consoantes sem vogais, consoantes que soem apagadas, sons como um pião, como o estalar da língua, como o ruído de uma

sim homenagear o mestre com quem aprendi tanta coisa Haroldo de Campos.” (MEDEIROS, 2020, p.2).

No entanto os poemas visuais de Sérgio Medeiros são diferentes dos poemas dos simbolistas franceses e concretistas brasileiros, já que o poeta utiliza mais imagens e mais cores em seus poemas. Quando, em seu livro *Os Caminhos e o Rio*, o poeta diz que seus caligramas são doudamente coloridos como Apollinaire os sonhava colorir, Medeiros já está apontando ao leitor a diferença de seus poemas visuais. Um exemplo dos caligramas coloridos de Medeiros é o seguinte:



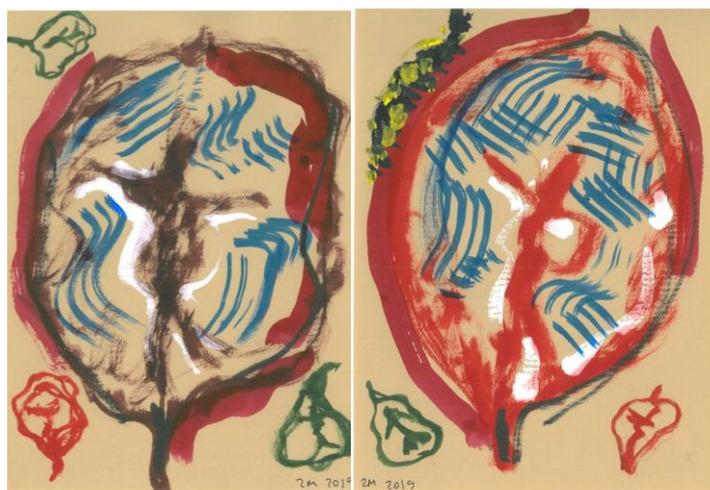
Fonte: (MEDEIROS, 2019)

Este Caligrama, que é também a capa do livro *Os Caminhos e o Rio*, assim como os demais que aparecem na segunda parte deste livro de Medeiros é a representação de rios e alguns caminhos. E além de uma nova linguagem de poesia experimental, de poesia visual, uma das características mais perceptíveis de Medeiros é atribuir particularidades humanas a seres não humanos. O que vai de encontro ao perspectivismo ameríndio de Viveiro de Castro, é perceptível na poesia de Medeiros a presença de características humanas atribuídas aos

animais, às plantas, às folhas, às árvores, o poeta tenta mostrar constantemente em sua obra a comunicação presente em todas os elementos da natureza, assim como Castro: “Se os animais são humanos, se as coisas podem abrigar formas internas humanóides, se o trovão é uma pessoa, então tudo comunica” (CASTRO *apud* CARVALHO, 2010, p.84). É exatamente o que acontece no poema visual *A Memória das folhas*, presente no blog *Toten* de Sérgio Medeiros

3 Metodologia: Rompendo fronteiras: *A Memória das folhas*, um Caligrama colorido

O poema *A Memória das folhas* é composto por duas imagens ancoradas pelo título e em ambas há no centro a figura de uma folha em pé, onde no lugar da nervura central e da nervura secundária há uma forma que remete a figura de um ser-humano, à margem desta folha central e maior temos mais três folhas. Enquanto a folha ao centro possui cores: azul, vermelho, marrom, as folhas à margem possuem uma cor só.



Fonte: (MEDEIROS, Sergio, 2019< <https://medeirossergio.wordpress.com/page/2/>>)

A figura ao centro, representação de um humano como nervura central e secundária da folha leva a vida para o elemento cercante, a linha que delinea a folha. Desta forma, o elemento cercado torna o cercante animado. Isso aliado ao cromatismo presente no espaço que compõe a lâmina foliar, a qual leva as cores azul e branca que remetem à calma e a paz respectivamente, reforçam a ideia de alma, de espírito representado pelo elemento cercado, a figura do ser – humano. Característica do Perspectivismo ameríndio, de que todos os seres humanos ou não humanos são iguais. Nas duas imagens o elemento cercado, possui as

mesmas cores da linha que delinea a folha, logo ele é constituinte da folha e leva a vida a esta, as cores que preenchem a lâmina foliar e começam com cores frias, azul e branco, terminam com cores quentes marrom e vermelho, que são as bases das folhas centrais nas duas imagens que compõem o poema.

É perceptível, ainda, uma modificação de movimentação de uma folha para a outra, assim como há alteração no cromatismo de uma imagem para a outra. As pinceladas na lâmina foliar acompanham a figura do homem que está no centro das folhas, este que parece se movimentar, na primeira imagem ele é pintado primordialmente de marrom e está mais ereto com braços abertos, em uma posição similar a das nervuras centrais e secundárias das folhas. Já na segunda imagem, a figura humana ao centro da folha aparece na cor vermelha e inclina o corpo e a cabeça para a direita, enquanto um dos braços sobe o outro é dobrado e sua mão para sobre o quadril, a folha acompanha a movimentação, desde os traços azuis que compõem a Lâmina foliar até a linha que delinea a folha acompanham a movimentação da figura cercada. Com estes traços e cores Medeiros cria um ritmo nas duas imagens que compõem o poema *Memória das folhas* por meio de suas pinceladas, o que auxilia ao sentido de que folha possui, alma, memória e dança e se comunica como um ser -humano.

Assim, Sergio Medeiros além de trazer mais cor e imagem às poesias visuais também traz a percepção de que na natureza todos os seres são iguais e capazes de se comunicar, de dançar, de possuir memória como em *A Memória das folhas*.

4. Resultados

Com a análise do poema *A Memória das folhas* é perceptível como o poeta Sergio Medeiros cria uma poesia visual que inova em relação à poesia experimental tradicional, já que Medeiros vai além do que foram os poetas simbolistas franceses e os concretistas brasileiros acrescentado mais cor e imagens em seus poemas. Além disso, o poema *A Memória das folhas* carrega a característica do poeta de atribuir características humanas a elementos da natureza, mostrando que todos os seres são iguais o que vai de encontro ao perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiro de Castro.

5. Conclusão

Sérgio Medeiros é um poeta que vem da fronteira entre Brasil e Paraguai e sua obra além de mostrar a cultura indígena rompe as fronteiras com o que até agora foi posto como

poesia experimental, o que faz com que sua poética assuma também um lugar fronteiriço no sentido da forma: imagem-palavra; palavra-imagem.

Referências

CAMPOS, Augusto de. *Viva Vaia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Luis Felipe dos Santos. *Na fronteira do outro – motins antropofágicos*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio. Rio de Janeiro 2010, p. 83-115.

REIS, Carlos. Capítulo V – *A poesia lírica*. In: _____. *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MEDEIROS, Sérgio. *Os Caminhos e o Rio*. São Paulo: Iluminuras, 2019.

MEDEIROS, Sérgio. *N Descritos com rimas*. [Recurso eletrônico on-line]/Sergio Medeiros 1.ed. – São Paulo: Iluminuras, 2020. Disponível em < <https://medeirossergio.blogspot.com/>> Acessado em: 10, agosto, 2020.

MEDEIROS, Sergio. *Toten*. Wordpress: 2019. Disponível em <<https://medeirossergio.wordpress.com/page/2/>> Acessado em :24, junho, 2020.